

# CABECILHA DOS BANDIDOS EVACUADO PARA MALAWI

24-12-86.

por Gustavo Mavie, da AIM

Milange.

Combato.

O cabecilha dos bandidos armados, Afraso Djakama, foi evacuado para o Malawi dia 2 deste mês, disse Uaito Livissone, um moçambicano, ex-prisioneiro dos bandidos, falando à AIM.

Livissone falava na última sexta-feira, ao cair da noite, na vila mineira de Moatize, onde se encontra há duas semanas vindo do Malawi, onde esteve temporariamente refugiado.

Ele disse que as autoridades malawianas enviarão dia 2 deste mês para a região malawiana de Kote dois machimbombos que transportavam Djakama e alguns dos seus colaboradores mais próximos para o interior do território malawiano.

«A evacuação teve lugar às 22 horas. Eram dois machimbombos expressamente enviados para o efeito. Num deles viajavam o Djakama e alguns dos seus colaboradores de confiança, enquanto o outro levava os seus guardas pessoais e um certo número de feridos em combate no nosso País», disse Livissone, de 24 anos com a frequência da quinta classe e pai de dois filhos.

Ele afirmou que este facto não constitui novidade para as pessoas que se encontravam naquela altura em Kote, ponto do território malawiano que segundo ouviu de pessoas, faz parte de uma região chamada Salima-Mulange Roma.

— Um dia após ter sido evacuado de Kote — disse Livissone — todos os malawianos só falavam d'isso. E faziam-no de diversas formas: uns gozando-nos, outros num tom de quem diz «o vosso salvador ou futuro presidente passou por aqui ontem».

Livissone afirmou que, antes da sua evacuação, Djakama se encontrava a viver numa base dos bandidos situada no distrito de Milange, em Moçambique, base essa conhecida pelo nome de Aliféze. Na opinião de Livissone, a saída do cabecilha dos bandidos foi determinada pela concentração de tropas moçambicanas nas proximidades daquela base.

Livissone ficou prisioneiro dos bandidos quando estes assaltaram dia 29

de Setembro último a vila de Milange, obrigando uma boa parte dos seus 16 mil habitantes a refugiar-se no Malawi.

— Estive cativo dos bandidos armados em Milange até ao dia 9 de Outubro, data em que consegui fugir deles para o Malawi. No mesmo dia 9, eu deveria ter sido fuzilado às 16 horas, caso não tivesse conseguido fugir, de acordo com a sentença que me tinha sido feita pelos bandidos — disse.

Antes da sua captura, Uaito Livissone trabalhava como secretário particular do Administrador de Milange, Raimundo Kantumbiyango.

A pena a que fora condenado incluía sua mulher e filhos, mas eles haviam conseguido fugir para o Malawi durante o ataque a Milange.

Na mesma sexta-feira falámos com outros dos milhares de ex-refugiados moçambicanos instalados em Moatize. Tinham vindo do Malawi. Essas pessoas confirmaram o que Livissone acabara de dizer-nos.

Essas pessoas falaram sob condição de anonimato, porque ainda têm familiares em centros de refugiados moçambicanos no Malawi.

Muitas das pessoas, que chegaram a Moatize nos últimos 15 dias, viveram como prisioneiros dos bandidos armados em Milange, antes de conseguirem fugir para o Malawi.

Elas disseram que a vila de Milange foi atacada por cerca de 2000 bandidos pertencentes ao famigerado grupo «Limpe».

Alguns destes deslocados contaram que dia 2 de Outubro um «comissário» dos bandidos dirigiu uma reunião em Milange, na qual tomaram parte apenas cidadãos malawianos de ambos os sexos que vivem junto à fronteira.

Mais tarde, depois de a reunião terminar, os moçambicanos que lá estavam cativos vieram a saber que, no encontro, tinham sido debatidas questões sobre como deveria ser o relacionamento entre os bandidos e o povo malawiano.

Nos dias que se seguiram à reunião, intensificou-se o número de ma-

lawianos a deslocarem-se a Milange para comprar bens saqueados nas casas e fábricas da vila.

Esses prisioneiros dos bandidos disseram à AIM que no encontro fora reiterada a pretensão malawiana de que a província da Zambézia é historicamente parte do território malawiano.

O bandido que dirigiu esta reunião, falava em português, enquanto um professor primário de Milange, feito prisioneiro a 29 de Setembro, traduzia para a língua nyanja.

— Embora tivéssemos sido instalados muito longe do local onde decorria o encontro, fomos capazes de ouvir muitas vezes o bater de palmas por parte da audiência — disse um dos deslocados.

Outras pessoas, que ouvimos em Moatize, incluindo Livissone, disseram que o Malawi facultou pelo menos uma vez nos últimos três meses um comboio, que transportou cerca de três mil bandidos da região malawiana de Nsanji para Luçenza, para depois penetrarem em Moçambique, especificamente em Milange, através das áreas fronteiriças de Macococa e Matanje, ambas dentro do Malawi.

O transporte destes bandidos de comboio passou a ser do conhecimento de muitos moçambicanos naquele país, o que levou Blantyre a dizer que se tratava do transporte de soldados moçambicanos que haviam penetrado no Malawi durante combates. A fronteira entre os dois países não está demarcada fisicamente.

Durante a realização, em meados deste mês, da conferência eleitoral provincial na cidade de Tete, falámos com muitas pessoas que nela se encontravam como delegados ou candidatos a deputados sobre o que sabem da guerra e de como os bandidos se abastecem em armamento e munições. Muitas dessas pessoas afirmaram que pelo menos os bandidos, que actuam nas províncias de Tete e Zambézia, recebem parte do que precisam, incluindo armas, a partir do território malawiano.

— No meu distrito, Angónia, todas as pessoas sabem que os bandidos têm sido abastecidos de armas por helicópteros vindo do Malawi. Várias vezes eu e a minha família vimos helicópteros a sob voar a zona norte do nosso distrito a baixíssima altitude — disse Faustino Silveira Magagula, de 31 anos, e residente na vila de Uionguê, capital distrital da Angónia, atacada pelos bandidos a 8 de Novembro.

Ele afirmou que os helicópteros vinham à noite.

Instado a dizer como sabia tratar-se de helicópteros, Magagula disse que o voc de um helicóptero difere do de um avião.

— Um avião não é capaz de parar aqui e ali durante muito tempo no espaço. Aquilo só um helicóptero pode fazer — afirmou.

Magagula disse que a vinda desses helicópteros foi intensificada a partir de Setembro último, após a reunião em Blantyre entre líderes da Linha da Frente e o Presidente Banda, do Malawi.

— Penso que os malawianos quiseram com isso assegurar o material necessário aos bandidos armados antes que o nosso País fechasse a fronteira e colocasse os mísseis contra ameaçar o nosso malgrado Presidente — disse Magagula.

Ele afirmou ignorar porque é que os helicópteros não foram ainda abatidos pelas Forças moçambicanas. «Isso pode ser até compreensível porque não é fácil ter um soldado em cada ponto dos mais de 150 quilómetros de fronteira com o Malawi».

Magagula disse não ter a certeza de que os bandidos tenham bases dentro do Malawi mas não duvida de que eles têm sido abastecidos a partir daquela pais.

— Isso todas as pessoas do meu distrito sabem — afirmou o Administrador do Distrito de Tsangano, António Juliasso. De nada vale os desmentidos do Governo malawiano. Eles não diferem dos que são feitos pelos seus amigos sul-africanos — acrescentou.